

DINÂMICA DA PRODUÇÃO E IMPORTÂNCIA SOCIOECONÔMICA DOS PRODUTOS FLORESTAIS NÃO MADEIREIROS

Cibelle Amaral Reis (1); Tarcila Rosa da Silva Lins (1); Rafael Leite Braz (2);

(Universidade Federal Rural de Pernambuco, cibelleamaralreis@hotmail.com)

Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNMs) são aqueles de origem biológica encontrados nas florestas, com exceção da madeira, que podem ser produzidos ou coletados. Comumente são categorizados como: comestíveis, medicinais, materiais estruturais, químicos e ornamentais (SANTOS et al, 2014). Nos países em desenvolvimento, constituem a base da alimentação e principal fonte de renda para cerca de 80% da população (AGUIAR et al, 2014). Sua produção é um grande exemplo da utilização dos recursos naturais para a subsistência, visto que por meio do manejo sustentável adequado, é possível incentivar a conservação da floresta e suprir a demanda da comunidade inserida sem degradar os recursos.

Historicamente a ocupação do solo brasileiro se deu de forma desordenada, priorizando a extração de recursos naturais nas áreas onde o acesso e, sobretudo, a exportação eram mais propícios, assim os desmatamentos na costa do país ocorreram de forma predatória contribuindo para um desequilíbrio ambiental (FIEDLER; SOARES; SILVA, 2008). A partir dessa situação a preocupação com a gravidade das alterações ambientais induzidas pelo homem cresceu e acarretou uma busca por alternativas de atividades de baixo impacto, além de despertar o interesse da ciência e dos governantes para com os produtos florestais não madeireiros. Tais mudanças ocorrem, principalmente, devido a estudos que evidenciam que, além do potencial de ampliação dos produtos obtidos, a atividade pode proporcionar a valoração da floresta e manutenção das suas árvores de pé para que se renove o ciclo na produção de PFNM. Portanto, atrelada a aspectos sociais, políticas e institucionais, além de econômicas e ecológicas, a atividade foi introduzida inicialmente com a intenção de estimular a conservação e o desenvolvimento florestal (ELIAS e SANTOS, 2016).

Com o aumento do turismo os moradores locais conseguem agregar valor aos seus produtos e muitas vezes se organizam em associações e cooperativas para ter um melhor controle sobre a sua produção. Entretanto, para que ocorra um uso sustentável dos produtos, é preciso que esse tipo de comércio cumpra alguns critérios, pois esta prática ainda se caracteriza como muito informal, o que reflete diretamente na produtividade de exploração dos recursos. (SOUZA, 2016).

Na região nordeste, os PFMNs contribuem para a geração de empregos e garantem a segurança alimentar, sobretudo em locais com baixa capacidade produtiva. Na Caatinga já existem mais de 70

espécies vegetais catalogadas para estes fins, como a carnaúba, onde se extrai o pó para a fabricação da cera; umbu, como fonte de alimento; licuri, para a alimentação e extração de óleo; babaçu para extração, castanha utilizada na alimentação, produção de cosméticos e biodiesel; entre outros (AGUIAR et al, 2014). Na Mata Atlântica encontra-se mais de 16 mil espécies vegetais em que boa parte delas é utilizada na medicina popular (FERREIRA et al, 2016), mantendo viva a cultura da comunidade, passada de geração em geração, valorizando o conhecimento empírico local.

Em alguns casos, os PFNMs também são responsáveis pelo deslocamento da população, por exemplo, Brose (2015) destaca a migração de nordestinos para a Amazônia, tornando-se seringueiros e ribeirinhos e salienta ainda que para que ocorra a sustentabilidade desta prática é necessário que as famílias dos extrativistas consigam sair da pobreza. O fato é que para a retirada dos produtos da floresta não se altera a estrutura nem a função da mesma, por isso é uma alternativa para a conservação dos recursos florestais e crescimento financeiro e social da população do seu entorno, atendendo à premissa da sustentabilidade (SOUZA, 2016).

A partir da importância dos PFNMs objetivou-se com este trabalho realizar a análise temporal da dinâmica da produção da extração vegetal e silvicultura no Brasil com foco nos produtos não madeireiros, além de fazer o comparativo entre a produção no Nordeste com as demais regiões do país.

Os dados utilizados foram provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis para consulta pública no website da instituição. Foram consideradas as informações referentes ao período de 2006 a 2015 sobre produtos florestais não madeireiros oriundos da produção da extração vegetal e silvicultura no Brasil. Posteriormente, foram elaborados gráficos para interpretar a dinâmica deste setor em escala nacional e regional com enfoque no nordeste do país.

Nas últimas décadas, os PFNMs foram mais visados para a produção com objetivo de exportação, como uma forma de conseguir desenvolvimento financeiro ao mesmo tempo que se faz a conservação. Estudos feitos na Amazônia evidenciaram a possibilidade de ter bom rendimento econômico com a venda de produtos florestais não madeireiros do que o que se arrecada com a madeira, com base na mesma área de floresta para ambos os casos, além de causar menos impactos ao ecossistema (SILVA et al., 2014)

As populações tradicionais têm como fonte de renda a atividade extrativista além de proporcionar a conservação do meio ambiente, pois precisam proteger as plantas de onde tiram o seu sustento. Por outro lado, pode ocorrer de a população desenvolver o pensamento de exploração imediatista devida

à valorização financeira do produto. Isso evidencia a necessidade de um acompanhamento para avaliar os impactos ecológicos por esse tipo de manejo (VIEIRA et al., 2016).

Os PFMNs possuem um grande peso no quesito socioeconômico da população nordestina, entretanto a venda desses produtos ainda ocorre em sua maioria de maneira informal. Por este motivo, as informações presentes nos bancos de dados nacionais não expressam completamente a realidade deste setor (AGUIAR et al, 2014).

No acumulado dos últimos dez meses de 2015, as exportações de ceras vegetais, mate, castanha de caju, castanha do brasil, taninos e borracha natural superaram suas importações, possibilitando que o saldo acumulado na balança comercial fosse de US\$37,8 milhões. O somatório de US\$315,9 milhões das exportações dos PFMN's selecionados, de janeiro a outubro deste ano, representou aumento de 4,1% sobre o mesmo período de 2014 (US\$303,4 milhões), valores que demonstram a importância econômica deste segmento para o país (REZENDE et al., 2015) os quais são destacados na Figura 1 a seguir.

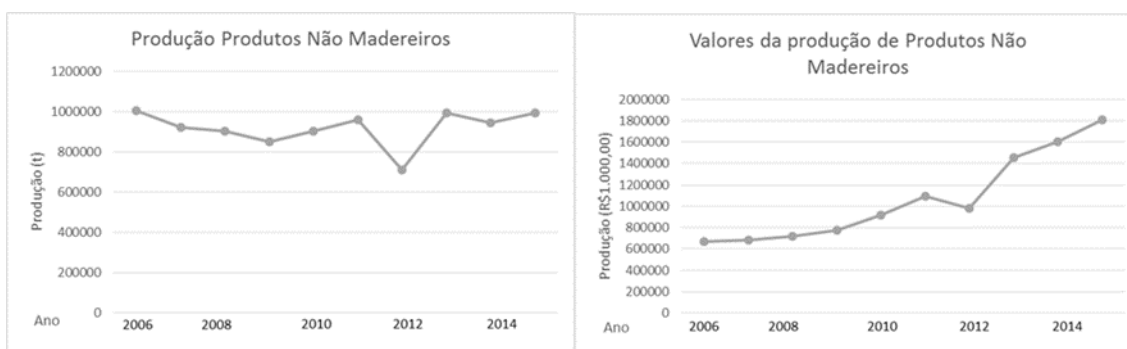


Figura 1 - Extrativismo no Brasil.

Na comunidade estudada por Vieira et al. (2016) situada no Piauí, os exemplares de carnaúba eram exploradas durante o ano inteiro, mas a intensidade dessa prática não chegava a superar a produção de folhas. Entretanto, se mostrou prejudicial visto que o manejo utilizado preserva apenas o único meristema caulinar, o que repercute na disponibilidade de folhas para realizar o processo de fotossíntese.

Segundo Meunier e Ferreira (2015), não existem ainda referenciais técnicos suficientes para a produção e rendimento para taninos advindos de espécies nativas. Além disso a atividade extrativista desses PFMNs em locais como Juazeiro e Petrolina ainda são feitas de maneira não condizente com a lei.

No Brasil, o uso de plantas medicinais é frequente e apresenta eficácia, por este motivo a fitoterapia é incentivada pelo Ministério da Saúde. Esse costume cultural foi herdado de ancestrais indígenas e africanos e também da cultura europeia trazida pelos portugueses (MOTA e DIAS, 2012).

A exploração de tanantes ocorre por meio da silvicultura moderna ou por meio do extrativismo. No Rio Grande do Sul ocorre o cultivo de acácia negra (*Acacia mearnsii*) para a produção de taninos a partir da casca dessa árvore (MEUNIER e FERREIRA, 2015).

A cera de carnaúba é um dos três principais produtos de exportação produzido no Piauí, no ano de 2012 correspondeu a mais de 20% do total exportado pelo estado. O Banco do Nordeste do Brasil e o Banco do Brasil foram responsáveis por oferecer crédito financeiro para Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte durante os anos de 2007 a 2012, o que impulsionou a produção da cera (COSTA e GOMES, 2016).

Em relação aos aromáticos, medicinais, tóxicos e corantes, a região com maior índice de produção é o Nordeste, tanto para toneladas quanto para o valor da produção, enquanto a região Norte aparenta não fazer uso mais completo do potencial de suas áreas florestais com grande biodiversidade, visto que ocupa a terceira posição no ranking nacional (SANTANA et al., 2016), a possível falta de plano de manejo adequado para a área pode ser outro fator limitante para que a região Norte atinja melhores resultados.

Demonstra-se a partir destes dados a importância sócio-econômica dos produtos não-madeireiros de origem florestal no Brasil, destacando-se, especialmente no Nordeste, como fonte de renda de várias comunidades organizadas por meio de associações. As informações sobre estes ainda necessitam de maior documentação assim como esta prática ainda necessita dos devidos incentivos.

Palavras-Chave: PFNM; sustentabilidade; etnobotânica; subsistência; nordeste.

Referências

- AGUIAR, G.P.; ROCHA, J.D.S.; SANTOS, A.J.; SILVA, J.C.G.L.; HOEFLICH, V.A. Comportamento do Mercado dos Principais Produtos Florestais Não-Madeireiros na Região Nordeste do Brasil. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, v.10, n.18; p. 983-992, 2014.
- BROSE, M.E. Cadeias Produtivas Sustentáveis no Desenvolvimento Territorial: a Castanha na Bolívia e no Acre, Brasil. INTERAÇÕES, v.17, n.1, p.77-86, 2015.
- COSTA, V.L.S.;GOMES, J.M.A. Crédito e conservação ambiental no extrativismo da carnaúba (*Copernicia prunifera* (Mill.) H. E. Moore) no nordeste brasileiro no período de 2007 a 2012. INTERAÇÕES, v. 17, n. 1, p. 4-14, 2016.
- ELIAS, G.A.; SANTOS,R. Produtos Florestais Não-Madeireiros e Valor Potencial de Exploração Sustentável da Floresta Atlântica no Sul de Santa Catarina. CIÊNCIA FLORESTAL, v. 26, n. 1, p. 249-262, 2016.

- FERREIRA, P.I.; GOMES, J.P.; STEDILLE, L.I.; BORTOLUZZI, R.L.C.; MANTOVANI, A. Potencial Terapêutico de Espécies Arbóreas em Fragmentos de Floresta Ombrófila Mista. *FLORESTA E AMBIENTE*, v. 23, n.1, p. 21-32, 2016.
- FIEDLER, N. C.; SOARES, T. S.; SILVA, G F. da. Produtos Florestais Não Madeireiros: Importância e Manejo Sustentável da Floresta. *Ciências Exatas e Naturais*, [s.i], v. 10, n. 2, p.263-278, 2008.
- MEUNIER, I.M.J.; FERREIRA, R.L.C. Uso de Espécies Produtoras de Taninos para o Curtimento de Peles no Nordeste do Brasil. *BIODIVERSIDADE*, v.14, n.1, p. 98-104, 2015.
- MOTA, R.S.; DIAS, H.M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. *INTERAÇÕES*, v. 13, n. 2, p. 151-159, 2012.
- REZENDE, A.M.; SILVA, M.L.; MOURA, A.D.; MENDES, T.F.; SOARES, N.S.; RÊGO, L.J.S. O Câmbio Favorece, mas Crise e Inoperância Interna Impedem Ganhos de Competitividade nos Empreendimentos Florestais. *CENTRO DE INTELIGÊNCIA EM FLORESTAS*, n. 70, 2015.
- SANTANA, F.A.; NOBRE, D.N.V.; CARVALHO, J.O.P.; MATOS, J.F.R. Levantamento de mercado sobre Produtos Florestais Não- Madeireiros em Santarém-PA. *REVISTA DE PUBLICAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO DO IESPES*, v. 2, n. 26, 2016.
- SANTOS, A.J.; BITTENCOURT, A.M.; BITTENCOURT, K.C. A participação dos produtos florestais não madeireiros (PFNM's) na geração de renda em pequenas propriedades rurais no Paraná. *AMBIÊNCIA*, v.10, n.3, p. 785-794, 2014.
- SILVA, R.N.; SILVA, I.; MARTINS, C.C. Formação de coletores de sementes nativas da Mata Atlântica. *REVISTA NERA*, n. 24, 2014.
- SOUZA, F.M. A Contemporaneidade dos Valores Sociais, Econômicos e Culturais de Produtos Florestais Não-Madeirairos para os Produtores de Pirenópolis-GO. 2016. 101p. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- VIEIRA, I.R.; OLIVEIRA, J.S.; LOIOLA, M.I.B. Efeitos do Extrativismo de Fibras de Carnaúba, Piauí, Brasil. *REDE - REVISTA ELETRÔNICA DO PRODEMA*, v. 10, n. 1, p. 96-109, 2016.